

O vazio e o sujeito contemporâneo

Janete Oliveira*

Livro

Poian, Carmen Da. *As formas do vazio: desafios do sujeito contemporâneo*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2001.

O livro discute a questão do vazio em várias especialidades: cristianismo, budismo, psicanálise e economia, sempre sem perder de vista os problemas trazidos na contemporaneidade pela sociedade de consumo. Sob várias perspectivas diferentes – que no final acabam por convergir de uma certa maneira – o tema do esvaziamento da subjetividade é abordado e joga luz sobre uma série de aspectos do capitalismo moderno, como o individualismo, a questão econômica e artística.

O primeiro texto, *Apsicanálise, osujeito eovaziocontemporâneo*, da própria organizadora do livro, Carmem Da Poian, reflete sobre a necessidade de uma nova psicanálise que leve em conta não somente as histórias individuais, mas sim o contexto sócio-cultural. O autor divide o artigo em três partes: o vazio na psicanálise; o vazio no mundo contemporâneo; e o sujeito, o vazio e a psicanálise hoje.

A primeira parte, sobre o vazio na psicanálise, pensa esta área como uma dentre as múltiplas experiências possíveis na busca da verdade e como uma abordagem do vazio. Mas ressalta que, dentre todos os discursos, o da psicanálise é o único que sustenta o vazio sem tentar tampá-lo. Sustenta que algo sempre faltará ao sujeito.

O sujeito é pensado em sua relação constante com o objeto e a psicanálise em sua relação com o mundo. E, entre eles, há um espaço necessário e não negativo, à individuação (espaço de separação, ausência e diferença em que se constitui a identidade humana). A firma que o vazio poderá ser ou não preenchido pelo imaginário da fantasia e pelo simbólico do pensamento. Mobiliza a dor humana em várias de suas manifestações (angústia, luto, depressão, melancolia,

insegurança, impotência, etc), sendo que essa está centrada na perda do objeto e do próprio sujeito, as suas representações esvaziam-se. Esse processo anuncia a morte psíquica do sujeito e o ego vaga sem desejo e frágil já sem identidade e identificações.

Discute também o papel do vazio no luto, depressão e melancolia. No luto, leva-se em conta a experiência da realidade e o objeto ausente se torna presente através de suas representações depressivas representadas pela dor. O vazio seria a fixação no objeto e a baixa ligação com a realidade, a depressão seria um luto inacabado. No caso da angústia, a libido não está fixada no vazio da perda, mas no perigo/ameaça desta perda (frustração e impotência relativas ao desejo) e, na melancolia, o sujeito se perde no objeto ausente, ocupando o lugar do vazio, se encontra necessitado de uma imagem para representá-lo. “A ausência no luto cede lugar ao vazio na depressão e ao nada na melancolia” (p. 10).

Na segunda parte, *Ovazio no mundo contemporâneo*, fala-se sobre o entrelaçamento entre a questão do vazio e o mundo contemporâneo. Questionamentos quanto a quem seria este sujeito atual e como a psicanálise deve abordar esse “novo” sujeito, destacando os seguintes pontos de reflexão:

- o sujeito atual é nostálgico das referências clássicas de um absoluto que não existe mais assim como o conceito de verdade. Vive um mal-estar nascido dos vazios provocados pela ausência de Deus, de fé e de lei. Vazio de identidade e identificações, o mundo de hoje exige volatilidade, mudanças, trocas, descartabilidade. O mundo contemporâneo se caracteriza pela insegurança, pela busca de satisfação e da liberdade individual;

- “desumanização do sujeito” significa uma concretude da sobrevivência, pois uma sociedade que não apresenta um apoio para o sujeito livrando o sistema da culpa e, colocando-a com todo o seu peso nos ombros do indivíduo. Toda a responsabilidade por seus sofrimentos e fracassos recai única e exclusivamente sobre o

desempenho individual. O econômico predomina sobre o político;

- “sociedade traumática” significa um mundo ilusório de promessas que acaba por fragilizar o eu;

Na terceira parte, *O sujeito, o vazio e a psicanálise hoje*, o autor nos lembra que é preciso pensar em possibilidades de ação e eficácia do tratamento psicanalítico hoje por conta das transformações da sociedade contemporânea. Uma nova teoria do sujeito deve ser formulada tomando-o como um processo mais do que como um ser. A psicanálise como um processo de análise das mudanças do próprio desejo precisa mudar para se adaptar às transformações do mesmo na passagem para a contemporaneidade.

No texto sobre *Ovazio na arte*, o espaço vazio é tomado como um espaço de diálogo que revela e encobre, ao mesmo tempo preenche e é preenchido. É um espaço para um diálogo entre o artista e a obra. Um *lais* para o extravasamento de sentimentos. Um vazio que alterna entre a totalidade e o nada, numa dialética constante.

Nos mostra como a arte é um espaço indeterminado que foge às definições e está sempre desvelando o oculto, “um espaço sempre em devenir”.

No capítulo *Ovazio no Budismo*, o autor faz um pequeno histórico do budismo contando as suas origens que remontam ao ano de 566 a.C., quando nasce Sidarta Gautama e de como a preocupação com o sofrimento aparece na sua vida, daí nascendo mais tarde o Budismo. Filho de um governante de uma tribo indiana, Sidarta vivia longe de toda e qualquer sombra de sofrimento, uma vez que foi previsto que se ele “viesse a ter algum contato com qualquer dos sofrimentos típicos da existência humana, tudo abandonaria para ser um homem santo” (p. 35). Por isso, seu pai elaborava uma série de manobras para afastá-lo da realidade que, no fim, acabaram por não funcionar e ele terminou por perceber que o mundo em que vivia era uma ilusão.

Abandona tudo neste momento para compreender a questão do sofrimento (porque existia e como eliminá-lo). Praticou com diversos gurus e até mesmo utilizou-se de práticas ascéticas que, num certo momento, o fizeram tomar uma decisão: postou-se debaixo de uma árvore e, praticando uma meditação simples conseguiu o que queria. Sidarta chegou à iluminação a respeito da compreensão da origem do sofrimento e as maneiras de irradiá-lo através do caminho do Meio. Este caminho implicava que se o ser humano se mantivesse equidistante das paixões encontraria a iluminação, o Nirvana. Para Buda, o mundo em que vivemos é ilusório e, o apego excessivo que temos aos objetos e sentimentos dessa realidade que é transitória e, porque não percebemos esta impermanência, existe o sofrimento. Para fugir do mesmo, portanto, é necessário se libertar das ilusões do mundo através da meditação e esvaziar a mente, chegar a um vazio de onde se pode perceber tudo. O vazio no budismo não se confunde com niilismo, mas sim uma forma de se desvincular da transitoriedade dos objetos e das pessoas.

Em *O vazio nas relações sociais na cultura atual* a análise é feita através de pesquisa desenvolvida no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na linha “Racionalidades Médicas”. A autora percebe que uma parcela cada vez maior da classe média que pratica atividades de saúde está tentando romper um vazio que se instalou nas relações sociais nos últimos 35 anos.

Constata que dentro dos grupos de atividade física, os participantes buscam outras ações extracurriculares, como excursões e festas internas tentando recuperar uma sociabilidade perdida. Pois, segundo a autora advoga, a ideologia do individualismo capitalista adquiriu uma hegemonia que desagrega conceitos “cristalizados” como as idéias de comunidade e vizinhança. A verticalização das residências (mono-moradias)

significa uma perda das relações de família. Também levanta a questão da substituição de uma união marital que se considerava permanente por uma união transitória e consensual, contratual de fato. O contrato no lugar do amor romântico. As mulheres de hoje, apesar do feminismo e da luta pelos direitos, querem manter uma imagem de “saradas” para atrair a atenção dos homens.

Há situações específicas para a solidariedade social moderna se expressar, pois quanto mais ligado ao individualismo forem as pessoas, menor a solidariedade. Há uma desconfiança permanente incutida nos indivíduos com relação ao outro pelas instituições e pela mídia.

A questão da imagem e do status constrói um vazio social como nos diz a própria autora: “O sucesso a qualquer preço pode estar levando à corrupção de todas as estruturas institucionais da sociedade” (p.65). A pesquisa desenvolvida aponta que as práticas coletivas de saúde podem servir para transformar o vazio (ausência) para um outro tipo de vazio (plenitude).

Em *O Vazio na economia: o deserto e as miragens*, faz-se um questionamento dos fundamentos da economia neoclássica que tem servido de base há tempos como justificativa do mecanismo capitalista. As bases desta teoria são postas em cheque no que tange à sua efetiva aplicação no mundo e a alienação que provoca junto aos sujeitos. Conceitos como o da “mão invisível”, da inexorável “tendência ao equilíbrio”, “aos desejos ilimitados”, “a oferta que gera a sua própria procura” e, principalmente, a noção do *homo economicus* são colocados como abstrações. E por que abstrações? Mostram-se irrealis porque o que se verifica na atualidade é um mercado desigualmente competitivo e, portanto, desequilibrado e indivíduos irracionais no seu comportamento de consumo.

Contra esses parâmetros o autor identifica algumas correntes de resistência como a do Relatório Lugano que expõe as mazelas que o

conceito neoclássico pretende mascarar. Aponta para a necessidade de preservação dos estados nacionais e para a proliferação de uma política identitária que contribui para a fragmentação ainda maior do pouco espírito coletivo que ainda resta. Pois, esta política pressupõe a construção de novas identidades, impossibilitando assim a mobilização em termos de movimento social.

“Em síntese, multiplicar os referenciais de identificação conduz à fragmentação da sociedade e anula os esforços de defesa dos direitos sociais, pois em vez de pensar no que pode ou no que deve ser feito, a pessoas ficariam ocupadas com a questão quem ou que sou eu?” (p.82)

Além do relatório Lugano que o autor compara ao Manifesto Comunista, aponta também para os keynesianos, os marxistas e os regulacionistas franceses e o traço comum entre eles é o respeito à historicidade, a multidisciplinaridade e a concepção humanista do homem e da sociedade. Uma reflexão sobre o vazio das utopias e expectativas.

Em seguida, em *O vazio na arquitetura*, discute-se como a arquitetura aproveita os espaços vazios, os vãos, as aberturas, as portas, janelas e todos aqueles espaços circunscritos entre paredes e colunas. Através deles e com eles, o arquiteto contrapõe cheios e vazios com o objetivo de criar uma espécie de identidade da construção que mescla o movimento das fachadas e a volumetria geral do edifício.

O autor descreve como a utilização deste vazio evoluiu ao longo do tempo através da descoberta de novos materiais e da evolução de técnicas construtivas. Simbolicamente distingue alguns tipos de vazio: o abrigo, o mortuário, o sacralizado, o urbano, como imagem de poder, como controle social e como elemento estático. Para cada uma dessas expressões do vazio apresenta uma obra arquitetônica que o simbolize:

oabrigo – o metrô de Washington com uma dupla utilização: a de via de transporte e a de abrigo nuclear; mortuário: o túmulo do Pão, Família Fortes, Cemitério de Pinheiros, São Paulo, 1940 (a ausência do morto é indicada por um lugar vazio em uma mesa de jantar); sacralizado – *Sonchenge*, Inglaterra, que, pelo vazio no centro, imagina-se que tenha sido um espaço de cerimônias religiosas; urbano – a ágora, o jardim, o prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro (pilotis); imagem de poder – entrada dos hotéis da cadeia *Hyatt* ou o Macksoud Plaza, São Paulo; controle social – panóptico, Casa de Cultura do Recife (antiga prisão); elemento artístico – Oscar Niemeyer (Palácios do Planalto e da Alvorada) ou o Museu de Arte Moderna de Niterói.

E, finalizando, a arquitetura no próprio vazio que seria simbolizado pela construção na órbita da Terra de uma estação espacial.

Já em *O vazio no cristianismo*, o texto recorre a uma abordagem histórica desta doutrina religiosa e de como o vazio se transforma de adjetivo (algo que perdeu o conteúdo,) em substantivo (o vazio – a coisa oca vazia, a ilusão, o vazio do deserto) e depois em verbo (esvaziar-se – ato de desapegar, despojar-se). Um *approach* da história cristã através da gramática.

Nos tempos retratados pelo livro do Êxodo considera-se o vazio como oposto ao cheio (adjetivo), no tempo da monarquia dos profetas por volta do ano 1010 a.C. (tempos de Saul, Davi e Salomão), o vazio era o adjetivo e o substantivo, nos tempos de exílio – durante e depois – exercia a função de um outro adjetivo e como verbo. Já nos tempos do helenismo, o vazio é um substantivo.

No novo testamento, as palavras “vazio” e “esvaziar” adquirem novos sentidos, o sentido físico: a ausência de produtos materiais, a privação de algo esperado (sentido negativo). E também um sentido figurado: “*sentido de coisa vã, inútil, algo ligado à idéia de desperdício e de perda*”. E, no caso do verbo (esvaziar) temos também

dois significados: primeiramente seria de reduzir ao nada e o segundo seria o ato de se despojar, de desapegar-se.

Apresenta também uma proposta nova de vazio a partir das peregrinações de Jesus, uma perspectiva que é a do desejo de plenitude. A questão da caridade gerando uma solidariedade, partilha de sentimentos, existência da troca.

O texto ainda toca na questão do crepúsculo vazio de Jesus que deu origem ao cristianismo em si. Jesus teria vindo para que todos tivessem vida em abundância e esse pensamento, essa crença, essa fé que é contrária ao vazio. Ou seja, Deus na figura de Jesus veio para preencher este vácuo, veio para dar uma utopia a ser perseguida, uma perspectiva de vida.

No texto *Continentes psíquicos e o vazio em psicanálise* - na abordagem da questão dos continentes e dos conteúdos - o autor explora o tema do vazio no campo psicanalítico e que elaborações podem ser feitas a partir do conceito de continente psíquico (que seria uma outra dimensão da experiência psicanalítica não derivada da análise de conteúdo).

Enquanto normalmente as idéias sobre o vazio remetem às articulações dos conteúdos psíquicos entre si (prática interpretativa), as de continente psíquico remeteriam a um quadro analítico, ao *holding* e à regressão. No primeiro caso, tomando Lacan como referência, os significantes só são significantes a partir de um ponto vazio, o sujeito negatizando a realidade. O autor pretende tratar o vazio mais próximo de uma temática negativa primordialmente com relação ao ser falante e ao conceito de falta.

A questão do continente psíquico surge quando a reflexão não recai mais sobre algo que diz respeito à falhas estruturais do ego. Enfim, o texto propõe uma abordagem diferente para a análise psicanalítica que privilegie o que o autor chama de “envelopes psíquicos”, que privilegie outros aspectos da análise que de outra forma

não o seriam. Tentar dar mais significado e importância, por exemplo, aos silêncios.

Na última parte, *A experiência do vazio no pensamento vista a partir de considerações da filosofia Heideggeriana*. O texto demonstra que este filósofo alemão não utiliza a palavra vazio e sim a palavra nada e que o interesse na sua reflexão deriva da relação feita por ele entre o esvaziamento e o Ser.

O que importa no pensamento de Heidegger para o autor é a ligação que faz entre o Ser e o nada. A questão do Ser não ser uma totalidade fechada e definida, mas sim um constante “poder ser” que se concretizaria na figura do ente é o principal ponto levantado contra os estudos filosóficos desenvolvidos até então. Pois consideravam o Ser como uma totalidade definida que pudesse ser alcançada, mas a partir daí, segundo Heidegger, já teria se transformado num ente. Não se levava em conta até então fatores como historicidade, temporalidade e subjetividade, daí o conceito do *Dasein*, do Ser que está aí, uma totalidade aberta.

O pensamento de Heidegger apresenta uma nuance diferente de reflexão: a de um ser que é nada de ente, pois o Ser é um poder ser, referindo-se a possibilidades e não a realidades efetivas e o ente é a realização deste poder ser sob uma determinada temporalidade, historicidade e subjetividade. Explicado este conceito, o autor parte para o aspecto que lhe interessa: o nada/vazio como experiência suspensiva.

Segundo Heidegger o nada não pode ser circunscrito, nem definido, caso contrário se transformaria num ente, numa concretude. Por isso, não é uma experiência lógica e sim uma experiência afetiva que ele definiria como a angústia e comparando com os outros afetos humanos, todos se referem a algum objeto, mas a angústia se refere ao nada. Dando uma nova roupagem a esta teoria, o autor pensa então a angústia e, por conseguinte o nada, como uma experiência suspensiva exatamente pela falta de

representação ligada a este sentimento. O sujeito perde as referências e emerge em uma temporalidade vazia, um tempo puro e liberto, causando também uma perda de referência identitária. Volta então o homem a um vazio original onde todas as possibilidades estão abertas, ao vazio. Essa tese se abre então para a possibilidade de qualquer acontecimento afetivo poder levar a um momento de vazio, a uma perda de referência.

Lendo atentamente o livro vemos como os temas, que aparentemente tratam de forma diferenciada o vazio, se interligam e de certa forma giram em torno da dualidade do vazio como espaço do nada ou de totalidade. Uma percepção que serve como um ponto de partida para novas possibilidades do ser e como um esvaziamento, um nada que deixa o sujeito sem referências, perdido, sem nenhuma alternativa, subjetivado.

A questão da perda de identidade/referencial é recorrente tanto de forma positiva ou negativa e a realidade é colocada em cheque várias vezes, como um conceito que tem se esvaziado de sentido constantemente na contemporaneidade. No caso do Budismo, do Cristianismo, dos processos artísticos e também da filosofia Heideggeriana, esse esvaziamento pode ser utilizado como uma oportunidade de abertura de novas possibilidades do Ser. Mas no caso de outros textos que pretendem discutir o vazio como uma perspectiva de deterioração da vida social, enxerga-se uma impossibilidade do sujeito de viabilizar alternativas, pois os processos de subjetivação estariam viciados pela sociedade de consumo, por uma ideologia individualista dominante.

A evolução da sociedade de consumo tornou a consciência do vazio um componente incômodo dentro da vida social e junto ao pensamento crítico, as referências estão fragmentadas e adquiriram uma velocidade que o sujeito não tem conseguido acompanhar. Esse processo aguça a angústia do esvaziamento de sentido, uma vez que o sujeito está apegado ao objeto, não à sua materialidade, mas ao poder simbólico por ele exercido. O Budismo e a filosofia Heideggeriana propõem uma ruptura com essa relação pois enxergam a realidade como um mundo ilusório, que não parte de uma totalidade dada e sim de uma totalidade no campo do devir, em que o

vazio/nada é o espaço de “iluminação”. Assim como nas artes marciais ensina-se que a mente deve estar mansa e calma como a água - pois ao menor movimento em sua direção ela reagiria - o sujeito no vazio “positivo” teria uma experiência da plenitude da consciência.

As questões suscitadas nos textos revelam-se de bastante relevância para perceber a sociedade atual que tem se debatido entre os dois pólos que perpassam o livro: plenitude X vazio/nada. A discussão em torno das perdas de referenciais decorrentes da exacerbção do consumo e as conseqüências disso nos processos de construção de identidades e subjetividades tem monopolizado a atenção de muitos teóricos. É isso que converte o livro organizado por Carmem Da Poian em uma boa ferramenta para pensar um pouco mais estes pontos sob diferentes olhares.

* Janete Oliveira é formada em Relações Públicas e Economia e mestranda em Comunicação Social pela UERJ.